

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

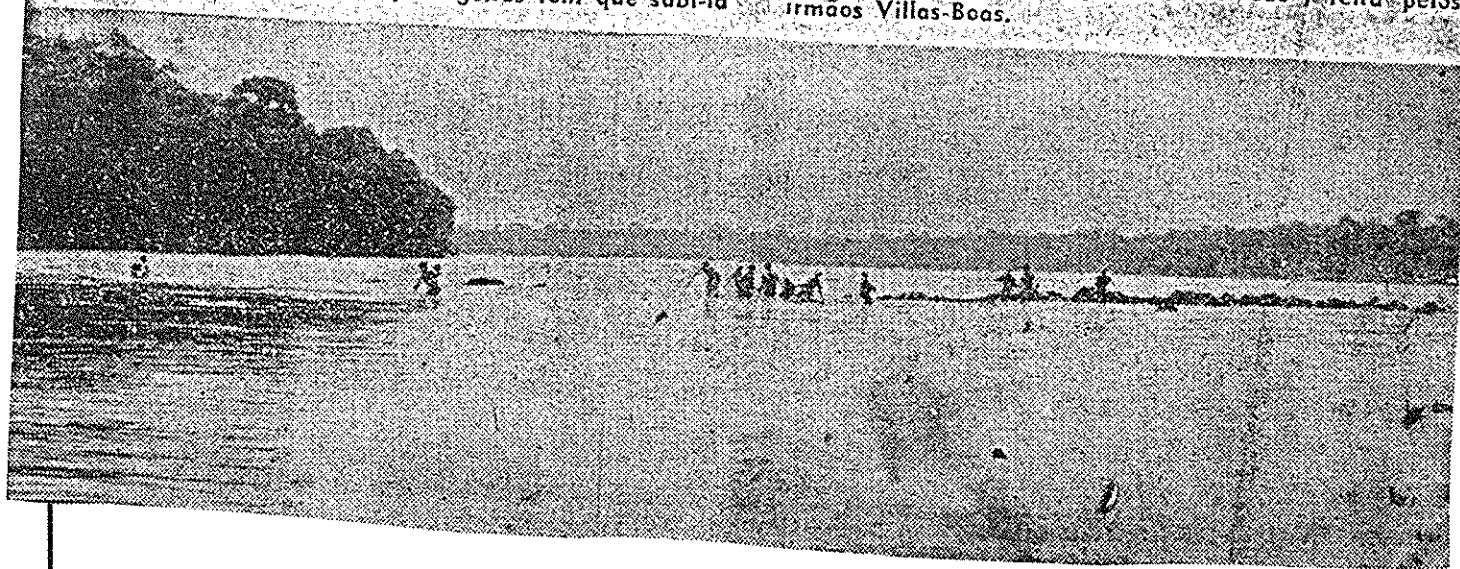
Fonte: diária da noite Class.: 03

Data: 11/09/65 Pg.: capa e 6

NAS MARGENS DO "JATOBÁ" A SURPRESA ESPREITAVA

No nascedouro do Xingu, o "Morená", região sagrada para os índios xinguanos, o deus Mavcitsini distribuiu as armas para a sobrevivência. Na seca as pedras afloram na pequena cachoeira e os passageiros têm que subi-la

dentro da água, para aliviar as canoas. Na página 6, a reportagem de ARLEY PEREIRA e ANTONIO MOURA conta a segunda etapa da viagem da "Expedição Jatobá", no trabalho de pacificação dos "tchicão", feita pelos irmãos Villas-Boas.



CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: diário da noite

Class.: 03

Data: 11/09/65

Pg.: 06

Brasil Central: Os Villas-Boas pacificam os "tehicão"

Nas margens do "Jatobá" a surpresa espreitava

Reportagem de ARLEY PEREIRA — Fotos de ANTONIO MOURA



Até uma pequena sanfona havia, para espantar a monotonia. Mais um som totalmente estranho ao ambiente, que desconhecia o branco, o motor e muita coisa que as duas crianças não tinham.

Antes do embarque, a conselho de Claudio Villas-Boas, a enfermeira Marina — vida jovem dedicada aos índios do Parque, que ela conheceu a passeio e acabou por escolher para viver — aplicou-me uma injeção preventiva, contra o perigo da malária. Arrastei a perna esquerda por dois dias, mas valeu a pena, embora o sacrifício para armar rede, embarcar e desembarcar, tomar banho no rio, fosse grande, com os movimentos reduzidos e a dor intensa. Mas, tranquilo quanto à imunidade, iniciamos a viagem, rumo ao rio Jatobá, que nos esperava, segundo os cálculos de Claudio, depois de oito dias de navegação, cálculo feito após o sobrevôo da região com avião da Universidade de Brasília.

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Ilúvia da Noite

Class.: 03

Data: 11/09/65

Pg.: 06 (cont.)

Cercá de cinco horas da tarde, com as águas do rio Kuluene já à vista, na sua confluência do Tuatuary, aparamos rumo à margem esquerda, para ser armado o primeiro acampamento da viagem. A escolha do local em tal situação é bastante importante, mormente para uma expedição com tantas pessoas como a nossa. Barranca alta, solo seco e muita árvore grossa, o suficiente para fornecer "armadores" para todas as redes, que armadas em círculo aproveitavam a luz de um único lampião e o fogo aceso no meio das mesmas.

O "POUSO DO TUATUARY"

Facão nas mãos, todos trataram de limpar a vegetação rasteira, cortar forquilhas que servissem para pendurar o "bucha" — nome que o caboclo dá à sua bagagem pessoal, seu material de viagem — longe do chão e do perigo das formigas. Orlando comanda o "grupo-tarefa" e sua figura — chapéu de pano, "shorts" e tamancos — lembra tudo, menos a tradicional ideia que se faz de um sertanista, descrito sempre de calças de zuarte, camisas cheias de bolsos, botas de cano longo, armas poderosas para abater feras e ar de predestinado. O "bucha" do Orlando, além da rede, um cobertor e um facão, se resumia em uma camisa para agasalho noturno, os inseparáveis tamancos, os "shorts" e o chapéu que de tanta utilidade — segurar cabo de panela, enxugar o rosto, servir de caneca e até mesmo de protetor contra o sol — é considerado pelo Villas-Boas como o seu "enxoval".

Limpo um terreno de uns 15 metros quadrados, os expedicionários "novos-de-gaiola", no linguajar saboroso do caboclo, são ensinados a armar as redes, o que não impediu alguns tombos no dia seguinte, graças à falta de habilidade dos alunos. O índio Pionim já colocou os suportes da trempê e a "panela de apito" fumaça prenunciando o primeiro jantar da viagem. Enquanto ele não vem, um excelente banho de rio reconforta e consolida o apetite.

Após o jantar, cada um em sua rede. O fogo amainando e lançando laivos mais avermelhados quando uma labareda se levanta, a lua — para nossa sorte, lua-cheia — bordando estranhos rendados entre as folhas e galhos, o "bate-papo" começa firme e os "causos" — inevitáveis ao pé do fogo — surgem da prosa do Orlando, que conta coisas do Brasil Central, que ele escolheu para viver há vinte anos, e do "coronel" Paulo, que lembra seu Ceará da mocidade e sua fazenda no Coxim, ali mesmo no Mato Grosso. E o sono vem manso, macio, embalado na rede, que muda de nuances prateadas com o caminhar da lua no céu.

RIO KULUENE

Como todos os acampamentos, que cada um terá seu nome, este foi batizado como o "Pouso do Tuatuary". Seis horas da manhã já a movimentação do café acorda todo mundo e rapidamente o acampamento é levantado. Redes enroladas, o ar frio da manhã é enfrentado nas canoas, que reiniciam a viagem em águas, cuja neblina que desprende ao amanhecer, dá a elas o aspecto fantasmagórico de um pantano escocês. A madrugada, que trou-

xera um frio cortante, obrigando o fogo do acampamento a ser alimentado constantemente, se vai e com ela o frio.

Quando o sol aparece, já estamos em águas do rio Kuluene, famoso na crônica dos índios do Brasil Central, pois um sem número de aldeias e nações formam nas suas margens. "Coronel" solta a linha e a primeira piranha aparece, com seus seis quilos, garantindo o almoço, ao lado do pato selvagem, que a "12" do médico Murilo abateu. Não demoramos muito no Kuluene, pois já ali por volta do meio dia, surge outro rio de fama, desaguando na margem esquerda e por ele enveredamos. É o Ronuro, que nos levará por cerca de sete ou oito dias até a embocadura do procurado rio Jatobá.

Em uma das ilhas de areia, extensas e alvas, o acampamento do almoço foi chamado de "Almoço do Pato". Navegando o

resto da tarde, encontramos o "Pouso do Porto Ruim", de difícil desembarque, mas que forneceu bom acampamento, repetindo a noite anterior, dando certeza a todos de que a viagem seria serena e tranquila, sempre com bom tempo. Calor imenso durante o dia, a água reverberando sob o sol, frio seco e cortante depois da meia noite, com as fogueiras — cada um tratando de fazer a sua própria desprezando o fogo do centro — espantando o frio que, subindo do solo, gelava o fundo das redes, tornando inútil a proteção dos cobertores.

Como diz o índio, depois que a expedição "drumiu, drumiu, drumiu, drumiu", usando como medida de tempo, cada noite que passa, acampando várias vezes, como no "Pouso da Lama", com o fundo do rio lamacento no local, após passar pela boca do rio Von Den Stein, assim batizado em 1901 pelo etnólogo alemão Von Mayer em homenagem a seu patrio que em 1884 havia pesquisado os rios Batovi e Xingó e mais tarde o Kuriseve que figura erroneamente nos mapas como Coliseo e no "Pouso do Coronel", onde o rio cearense ficou gripado. No "Primeiro pouso à esquerda" batizado por motivos óbvios o pequenino Kokoti depois de comer farofa, exibia bigodes de farinha, o que levou Orlando a brincar com o indiozinho, chamando-o de "Capitão Bigodinho".

Imediatamente o garoto retrucou, olhando os vastos bigodes do sertanista: "Eu, capitão bigodinha, voce capitão bigodinha grande..."

Finalmente, sempre à esquerda, surge o esperado curso d'água. Nunca navegado por brancos, ali estava o procurado rio Jatobá, marco das imediações da nação "Tchicão" e de alcance da finalidade da expedição. Antes de enveredarmos pelas águas do Jatobá, um último banho no "Ronuro" e as canoas "Leonardo" e "Pionim" viraram a proa rumo ao desconhecido total. No leito do Jatobá, em cada uma de suas muitas curvas, nas matas de suas margens, estava escondida a surpresa. Em cada cérebro, uma expectativa uma interrogativa. De que maneira reagiriam desta feita os "Tchicão"? Seriamos recebidos em campo aberto, ou em uma trilha da floresta? A aldeia estaria muito distante? Amistosos? Inimigos?



Os cinco anos do pequeno cajabi, Kokoti, não se intimidaram ante a aproximação das canoas, entrando na região dos "Tchicão". Sua natural prevenção contra os índios temidos pelos adultos de sua tribo, foi eliminada por Orlando Villas-Boas, que o levou para o contacto.

Só a hora do contacto poderia dizer.

Amanhã: Brasil Central: Os Villas-Boas pacificam os "Tchicão" (III)